

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrivel e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL, DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

<p>PREÇO D'ASSIGNATURA.</p> <p>Por um anno..... 2\$400 Por seis mezes..... 1\$200 Por tres mezes..... \$600</p>	<p>PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.</p> <p>Numero avulso 30 rs. Anuncios e Corrépondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs. Os anuncios e correspondencias, devem ser remetidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS. Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.</p>	<p>E COM ESTAMPILHAS.</p> <p>Por um anno 2\$920 Por seis mezes 1\$460 Por tres mezes \$730 Para o Estrangeiro accresce o porte.</p>
---	---	---

BARCELLOS 6 DE SETEMBRO.

Incitados pelos clamores de milhares de irmãos nossos, filhos deste Paiz, que ao Brazil foram, pelo trabalho procurar fortuna que na Patria não tinham, levantaram-se na imprensa e no parlamento, brados energicos contra o consul de Portugal no Rio de Janeiro, que desdizendo a sua missão, se acha malquistado e em perenne conflicto com a grande maioria daquelles, de quem devêra ser protector e defensor, pois é esse o caracter da sua missão official.

A inimisade e hostilidade de algumas duzias de portuguezes para com o consul da sua Nação, n'uma cidade como a capital do Brazil, poderia até ter uma explicação honrosa para elle; porém a inimisade e indisposição mani-

festa, não de algumas duzias, mas de milhares de portuguezes, que se unem n'uma só voz, n'um só clamor para pedir a demissão ou remoção do actual consul portuguez no Rio de Janeiro, deve forçosamente ter razão de ser, e justificação legitima.

E tanto assim é, que erguendo-se em toda a imprensa do paiz e na representação nacional vozes energicas para reproduzir as queixas e accusações que os portuguezes residentes no Rio de Janeiro dirigiram ao governo e ao parlamento, nem uma só voz se levantou para a defesa.

Na presença disto, não podia o snr. ministro dos Negocios estrangeiros, demorar a resolução de tão momentoso e importante assumpto, sem contrariar os desejos do paiz, e os de milhares de portuguezes, que em terra estranha não

poupam mostras de acrisolado patriotismo, em troço das quaes só pedem, o que sem desaire e desdouro da nação se não pôde negar-lhes.

Assim, quando se annunciou que s. exc.ª tinha decidido retirar da capital do Brazil, o barão de Moreira, foi a noticia geralmente acreditada, porque o bom nome do ministro, e o credito e interesse do paiz, exigiam e authorisavam essa decisão.

Porém passam os dias, passam as semanas, e passaram mezes, e não vemos tão necessaria e indispensavel resolução traduzida em factos que não consintam duvida sobre a intenção do governo.

Semelhante irresolução agrava, prolongando-o, o conflicto entre o consul e os portuguezes residentes no Rio de Janeiro, e

FOLHETIM.

—A propriedade do cidadão inviolada—Partida para Villa-Nova de Famelicão — A nossa viagem — Chegada a Villa-Nova — Os caffès de Villa-Nova — Troças na estalagem — O nosso jantar — As vespéras na Igreja — A boa iluminação e linda tocata — O fogo — Uma victima do fogo — Na estalagem — O dia da festa — Fim —

Olé; é uma hora da manhã: cá fóra; são horas de partir. E com esta ladainha um patusco transgredindo o preceito da carla constitucional acommetteu a propriedade do cidadão, que fez pôr fóra da cama, e dar um juramento d'alma nas mãos de morfeo, para tornar mais certa a promessa d'uma entrevista com aquelle deos tão fagueiro, que, palavra d'honra, deixei então com pesar.

A partida que hiamos fazer era para Villa-Nova de Famelicão; os patuscos não estavam todos, mas é certo que eu tendo sido victima do favor do primeiro pandego que esteve alerta toda a noite, não pude consentir que a partida se demorasse por muito tempo, não estando eu a aproveitá-lo na cama; a trovoadá, que tivera começo no meu quarto espalhou-se em breve pelas portas dos viajantes.

Eram tres horas da manhã, estava tudo já em cima dos buccafalos que haviam de conduzir-nos áquella villa porgressista; applicamos aos animaes a sôpa de Guimarães, e marchava o esquadrão pelo campo de S. José, quando foi preciso pararmos por cauza d'alguns gemidos que ouviamos expandirem-se pelo campo: era uma

pobre mulher que tinha sido acommettida, talvez, por uma congestão cerebral: tivemos ahí de exercer a primeira e a maior das virtudes Evangelicas; conduzimos a casa d'um parente a desgraçada mulher.

Continue a marcha: acima: eia! E guiados pela brilhante luz d'uma lua d'Agosto que disputava então a primasia dos outros, tomamos a estrada de Villa-Nova. Não tardou muito que a aurora começasse a abrir as doiradas portas do Oriente; brincava pelos campos a fresca brisa da manhã, e nós acompanhavamos no prazer a viçosa planta, que vegetava alegre. Como era lindo vêr o sol a doirar o cume das montanhas, e a mostrar vencida a rainha dos astros que tão fagueira nos guiára então! Como era mais que aprasivel vêr o rei dos astros a descer pelo monte e a trazer a sua luz brilhante até á mais baixa campina! Já o sol tudo dominava, e entramos na progressista Villa-Nova.

Fomos guiados para uma hospedaria, e lá para um quarto que devia ser o local destinado para cumprimento d'aquella promessa que no meu quarto tinha firmado com um juramento.

Em antes porém de me voltar ao Deos do somno, quiz satisfazer a impertinente exigencia do meu estomago, que por força queria dar agasalho a duas chavenas de café; marchamos ao botequim, e, não sendo mais de 7 horas da manhã, já no maldito café não havia leite!! Adiante encontramos outro estabelecimento, que pelas apparencias, ou era, ou tinha sido já um café; entramos, e perguntamos ao dono da locanda se havia café? — Eu não sei, mas pergunto — respondeo o velhote. Palavra d'honra, que fiquei desapontado e sem esperanza de satisfazer a exigencia do meu fido companheiro: com effei-

to veio uma creada, ou como em direito de botequim melhor nome tenha, e estendeu uma toalha na mesa a que nos tinhamos sentado; perdidas as esperanças d'almoço, nutria eu já as esperanças de me divertir com algum episodio que me parecia certo. Tem trigo?! Perguntei á servente. Não senhor; não veio ainda a molleteira. Como é que no café visinho, já não ha leite, e aqui ainda não ha trigo?! Dou a minha palavra d'honra que não envjei aos Villa-novenses o progresso da sua terra. A final apparece a rapariga com duas chavenas de nem sei de que; tomei um golo da tal coisa, e disse logo á pequena — a menina enganou-se, ou não nos entendeo; nós pedimos-lhe café — e sim senhor, é isso café, e café de fava. — E' provavel que a rapariga tomasse uma bagem em lugar de fava. Sahimos desesperados, e buscamos o ultimo recurso; com effeito na celebre hospedaria de Eugénia serviram-nos bom almoço, e correspondiam ao almoço as boas serventes.

Quem como nós tinha quasi toda a noite admirado a luz brilhante da linda lua d'Agosto, e contemplado esse magnifico quadro desenhado pela mão do Eterno, em que vimos uma aurora mais risonha ainda que de primavera, matisar d'aljofres a flôr do prado, não podia resistir á tentação d'entrar agora no uso das funcções a que de noite se ligara, se não tivesse de fazer uma tal viajata. Rapasiada, vamos a deitar; o apoiado foi — *uma voz dicentes* — cada um escolheu a sua cama, e eu que imaginei em cada uma um acampamento do amante persevejo, preferi mandar fazer a minha, no meio da salla (não me enganei).

Quando começava a receber as primeiras caricias do fagueiro morfeo, que a tanto custo

desgosta o paiz, que perfilha como sua que é, a causa delles.

Os filhos da provincia do Minho, são de certo os que ali fazem a maioria; e nós falseariamos a nossa missão, trahiriamos o nosso dever, se surdo ás vozes de tantos filhos caros e saudosos desta provincia, cujos interesses tanto a peito temos, deixassemos de bradar, e bém alto, para que nos ouça o governo, instando pela necessidade de uma prompta resolução da questão do consulado no Rio de Janeiro, por modo que os portuguezes ali residentes, reconheçam que os seus clamores são ouvidos por quem lhes deve protecção e justiça, a que é tanto maior o direito que lhes assiste, quanto certo que nada mais pedem, nem querem dever á patria, que amam com esse amor acendrado na saudade da ausencia, e testemunhando em repetidas e brilhantes provas de patriotismo e dedicação.

O CLERO E A LIBERDADE.

II.

Se Rouseau se contentasse com dizer, que a forma dos governos pôde ser obra dos homens; — que o poder — propriedade de Deos — se transmite ao soberano pelo voto ou consenso do povo, nada mais diria além do que pensavão politicamente os theologos catholicos da idade-media. A sua opinião, n'este caso, era a expressão da verdade.

Pelo contrario, os adversarios do philosopho de Genebra dão ao direito divino uma extensão exaggerada elevando-o até á for-

mação da sociedade, e collocando-o superior ás contingencias, proprias das instituições humanas.

Esta doutrina, só favoravel ao despotismo dos soberanos, é nascida do protestantismo; e todavia achou partidarios, mesmo entre theologos e philosophos, que primão de orthodoxos. E' que uns e outros se illudem na verdadeira significação da palavra — sociedade, — a qual apenas pôde suppor entre os homens relações indispensavelmente exigidas pelas necessidades da natureza humana.

D'este modo definida, a sociedade depende da lei divina; — mas, a sociedade politica, essa admite (pois multiplica e regula essas relações) a acção livre do homem, formando o dominio da soberania popular.

E que regimen convirá mais aos catholicos, e á Igreja, do que o regimen representativo, o regimen da discussão livre? Crêr, que se possa hoje, no estado actual dos nossos costumes e leis, conservar a liberdade da Igreja, isolada d'uma liberdade geral, sabiamente contida e regulada, é uma triste illusão.

Quando houve mais oppressão para a Igreja, do que sob o regimen absoluto? não precisariamos remontar alem do reinado de D. José, cujo primeiro ministro tinha ás suas ordens a penna heterodoxa de Antonio Pereira. E posteriormente, quem senão lembra da *Sancta alliança*? e comtudo os tres monarchas que a assignarão (Francisco de Austria, Alexandre de Russia e Frederico-Guilherme de Prussia) lá partirão para os seus estados, para continuarem com o regimen vexatorio inaugurado contra a Igreja e seus ministros, e que devia dar em resultado a prisão e exilio do benemerito arcebispo de Cologne.

Permittão-nos ao menos, que sympathisemos com o regimen, que abriu as portas da imprensa a Balmes, e a tribuna a Donoso-Cortéz, e a O'Connell!

E nêem nos digão, que os cortumes de hoje não permittirão, da parte dos monarchas, tantos vexames. Piedosos e bons christãos erão Maria 1.º, Carlos 10.º e Francisco 1.º; mas as oppressões continuarão, se não forão mais graves. . . .

Notemos bem, que, em toda a parte onde existe ou existio a escravidão da Igreja, tem vigorado o systema absolutista; e que, onde vigora o parlamentar ou constitucional, os catholicos tem ao menos o direito de queixar-se, de luctar e dispôr a sua emancipação futura.

No systema parlamentar, a Igreja não exerce especie alguma de dominio na ordem politica, (nem pensamos que esta influencia lhe seja util ou necessaria;) mas ao menos tem seus direitos, e estes, na nossa opinião, são-lhe mais uteis, do que o poder. Sob o regimen absoluto, a Igreja nada tem, alem d'aquillo que lhe é dado pelo character, e ás vezes pelos caprichos do soberano.

Isto demonstra-se até á sociedade pela historia moderna.

Em França, durante os dias mais criticos do reinado de Luiz Filippe, quando o governo se deixava dominar pelas tendencias voltariannas das maiorias politicas, os resultados para a causa do catholicismo forão excellentes. Não gosou o jornalismo de uma liberdade immensa? não tiverão esta liberdade os jornaes religiosos? os processos intentados contra Venillot, Combalot e Souchet não lhe grangearão verdadeira sympathia? não foi então, que o padre Lacordaire appareceu nos pulpitos de Pariz, com o habito de dominicano? . . . e isto tudo acontecia sob o tão odiado regimen liberal, devido unicamente á discussão, á liberdade, ao culto do direito, ao horror da arbitrariedade, que inspirão os salutaes principios do liberalismo!

E' que a religião (creia isto o clero!) não tem necessidade de ser apoiada na força material, ou na vontade d'um só, para tri-

tinha deixado; quando começava a promettida entrevista com aquelle deos, uma grande troca de pandegos invadem o nosso humilde quarto, põem tudo em alarme, e eu no meio d'isto lamento não haver na nossa legislação uma lei só, que authorisasse a expulsar com uma cadeira aquellas hordas d'inimigos do socego, dos pandegos; foram expulsos mas já tarde, reconciliar o somno era impossivel.

A final chegou a hora de jantar, e os batedores estavam á lerta.

Como era sabbado, obedecemos ao preceito da Igreja, e o peixe ali era magnifico; jantamos, como quem tinha fome, não; mas vontade de comer: entrincheiramos o castello, e podemos resistir á segunda invasão d'inimigos: dormimos então á vontade.

Aproximaram-se as horas de irmos para a Igreja ouvir as vespervas. . . . é verdade; esquecia-me dizer aos leitores que nós fomos a Villanova no dia 24 d'Agosto para vermos a festa do SS. Sacramento que ali se fazia nos dias 24 e 25 d'aquelle mez.

Ouvimos o *Tantum Ergo* cantado pela pequena I. e fizemos a nossa ideia da musica do côro, que nos não desagradou. Vá só isto por modestia. Quando sahiamos da Igreja já viamos que uma illuminação brilhante se preparava com grande enthusiasmo; passeamos um pouco pela villa, e quando tomavamos o chá, já a illuminação se estava acendendo; não podemos acabar de saborear o nosso chá, porque não podemos tambem resistir aos sons harmoniosos d'uma linda serenata, que com tão lindas e bem tocadas peças nos attrahia.

Que concurso de gente!! Que rica illuminação! Que lindas estavam as casas da rua de

Santo Antonio, aquella rua que ha pouco eu tinha visto com tão pouca graça, tornou-se um lago de fadas, um jardim das mais bellas flores, um paraíso de delicias; e quando a linda tocata eccoava ali os seus sons harmoniosos. . . Oh! Quem podia então resistir a um olhar terno, a um aperto de mão cheia d'amisade, e á confissão d'um coração franco?! Ninguém. Os pandegos da tocata entraram em casa do Firmino. O Firmino é um rapaz com quem nunca tive mais relação do que um simples cumprimento, um aperto de mão que hoje se dá a todo o mundo, mas é um rapaz de quem gostei; é um rapaz que tomou a meu vêr serio empenho na funcção que ali se fazia então, e que pelo modo como eu o vi entusiasta a trabalhar, merece que com distincção o felicite aqui; é um rapaz de quem fiquei e sou amigo, por sympathia. Hia longe já a digressão.

A tocata parou em casa do Firmino, e depois de pequena demora foi até ao fim da rua e largó da Matriz. A casa do Campos estava ricamente illuminada, era d'effeito surprehendente; a tocata parou e entrou ali tambem; á porta do Campos estavam centenares de pessoas que esperavam a serenata, e que em pouco tempo acompanharam pela rua até ao Campo da Feira; debandou ali a musicata, mas suppria a banda de musica Barcellense que tocava ali lindas e bem afinadas peças; o fogo queimava-se então, e não deu cabo sem que fizesse uma victima: um rapaz de Requião foi ferido por um foguete, e em dous dias era um cadaver: confesso que me deu somno, ou vontade de sahir do arraial. Quando cheguei á hospedaria achei-me só com outro companheiro; examinei as camas para escolher a que menos me incommodasse; n'uma vi eu acam-

pado um exercito de mais de 2:000 persevejos; voltei á do chão aonde dormira de dia; era tanto o somno, que o exercito em acampamento deu a sua acção sobre dous inimigos, e as duas victimas só pela manhã é que viram as hordas inimigas porque tinham sido atacados toda a noite. Estão á prova de ferradella! Gastamos depois d'almoco algum tempo na casa d'assembléa aonde tocou rebecca o Macedo acompanhado a pianno pelo L.; a casa d'assembléa está muito boa; tem bom pianno, e parece que os Villanovenses tem ali um bello recurso para passar bem o tempo.

As horas da festa aproximaram-se; fomos á Igreja, ouvimos parte da missa que a philharmonica Barcellense acompanhava, e ouvimos tambem o sermão, que prégou o Reitor de Requião, o nosso Vieira: não diremos nada a respeito do sermão: o que pôde dizer-se, é já sabido.

Voltamos a postos; o jantar foi cheio d'enthusiasmo; os parceiros brindavam-se mutuamente; estendeu-se tanto que aproximaram-se as horas d'hir vêr a procissão; essa era prosaica; o que levava fóra do ordinario era a irmandade da Ordem 3.ª vestida n'um gosto original; a procissão seguiu estrada nova acima, e as horas do partirmos soaram então.

Nós partimos, mas vinhamos da romaria; a viagem devia ser como effectivamente foi muito prosaica. A delicadesa pede que eu quanto antes acabe com esta estopada a que tive a ousadia de chamar folhetim, e se o não é, ao meno começa, e acaba por—folhetim.



umphar! Não precisa d'outro privilegio, mais do que a liberdade de todos.

REBELLO DA SILVA.

Luiz Augusto Rebello da Silva, nascido em Lisboa a 2 de abril de 1822, é um dos escriptores que os portuguezes justamente citam com ufania. Entrando nas fileiras da imprensa mui joven, foi nomeado redactor em chefe do jornal official de Lisboa antes de haver completado os vinte e dois annos. Ahí revelou grandes qualidades como publicista.

Eleito deputado em 1848, e reeleito sempre até ás ultimas eleições, Rebello da Silva conquistou de assalto um dos primeiros logares na camara como orador. O conselho de estado tinha-o já tido por secretario geral em 1846, e o conselho geral de instrução publica contou-o entre os seus membros effectivos em 1859. El-rei D. Pedro v tendo fundado em Lisboa, á custa do seu bolsinho, um curso superior de letras, nomeou Rebello da Silva professor da cadeira de historia, e fez-lhe a honra de assistir á abertura de seu curso, bem como a de voltar por muitas vezes para o ouvir.

Pela morte do visconde de Santarem, membro do instituto de França, e author da monumental obra sobre as relações diplomaticas de Portugal com todas as nações, o governo portuguez, de accordo com a academia das sciencias, que em 1853 abriu as suas portas a Rebello da Silva, o encarregou de continuar aquelle importante trabalho do qual tem apparecido tres volumes em menos de tres annos. Foi ainda Rebello da Silva, que, a pedido do seu governo, emprehendeu escrever a historia de Portugal nos seculos XVI e XVII. O primeiro volume, que acaba de vir a lume em Lisboa, está presentemente sendo traduzido em hespanhol e francez.

Este volume, em que se tracta do moço rei D. Sebastião e de seus infortunios, que a tantas lendas tem dado origem; de Carlos v, de Philippe II, do celebre duque d'Alba e outras grandes figuras historicas, é mais que um trabalho exclusivamente portuguez; é uma obra europea, tanto pelo assumpto como pela elevação das ideas.

Rebello da Silva é tambem distincto romancista. *Odio velho não cança*, e *A mocidade de D. João v.* são romances mui apreciados além dos Pyreneos. Rebello da Silva tem igualmente escripto para o theatro, e ensaiase, com bom exito, em todos os generos sérios da litteratura.

O sr. Teixeira de Vasconcellos, no seu livro sobre Portugal e a casa de Bragança, foi o primeiro que apresentou á França o nome de Rebello da Silva como um dos mais distinctos entre os escriptores notaveis que serão a gloria do reinado de D. Pedro v.

N'estes ultimos annos, com effeito, nos tem chegado de Lisboa obras importantissimas, como o *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, a traducção de Ovidio pelo sr. A. F. de Castilho, e a esplendida das poesias de Camões feita pelo sr. visconde de Jerumenha.

Taes obras manifestam a existencia de grande movimento litterario e desenvolvimento de conhecimentos artisticos, que vão além do que se esperaria encontrar em Portugal. Os volumes sahidos dos prêlos da imprensa nacional de Lisboa podem sub-

metter-se, sem receio, á comparação com os productos das melhores typographias europeas, sem exceptuar a imprensa imperial, onde, ha tempos, foram admittidos dois operarios typographicos enviados a Pariz pelo governo portuguez.

Comprazemo-nos de annunciar o menor vestigio de civilisação, ainda que seja remoto o sitio onde se descubra. Os esforços das pequenas nações não contribuem menos que os das grandes potencias para a harmonia do progresso geral. (1).

1 Os que quizerem conhecer por menor os trabalhos litterarios do sr. Rebello da Silva, podem consultar com aproveitamento o «Diccionario biographico» do sr. Innocencio Francisco da Silva, acima citado, no tomo v, — de pag. 228 a 232. Ahí tambem se encontrarão as indicações precisas das biographias do abalisado escriptor.

(Le Monde illustré.

Rios

COMMUNICADO

Sr. redactor

Em o n.º 91 do seu acreditado jornal, vem inserta uma correspondencia, communicado, ou cousa que o valha, assignado pelo Sr. Abbade do Louro, em que me faz insinuações, que me não cabem, e que desde já rejeito. — A graciosidade dos argumentos do dito Sr. Abbade, dispensava-me de responder-lhe; contudo, como satisfação ao tribunal da opinião publica, sempre lhe direi por hoje duas coisas. — Diz o Sr. Abbade, «que eu tenho fechados na Capella mór da Collegiada desta Villa os guisamentos, e os nego ao Clero, que não é do côro». É falsa semelhante asserção; por quanto nunca tive, nem tenho debaixo da minha guarda taes guisamentos, nem tão pouco os neguei ao Clero, que ahí vai celebrar, pois a meu cargo sómente está a secretaria do Cabido desta Insígnia e Real Collegiada.

Em quando á questão que na sua correspondencia se propoz discutir, se o Cabido está obrigado a dar guisamentos a todos os Clerigos, que vão celebrar á Collegiada, — tenho a dizer-lhe, que os capitulos de Visitas, em que funda a sua argumentação, não colhem, nem vem a pello; por quanto foram feitos para servirem de governo á Collegiada no tempo, em que se colhiam os dizimos, e em que as Prebendas eram pingues; hoje as circumstancias mudaram, e as rendas da Collegiada são mui limitadas, e os Benefícios tenues, e por tanto não deve o Cabido ter actualmente as mesmas obrigações, que teve outrora, é esse o motivo, porque os Parochos dizimeiros, que estavam obrigados a dar azeite para a lampada, aonde não havia confraria do Santissimo, hoje o não dão, e peza esse ônus sobre a Junta de Parochia. Os legitimos encargos, de que nos falla a Carta Regia de 8 de Agosto de 1839, e a Sentença Definitiva de 27 de Dezembro do mesmo anno, são os guisamentos e mais despesas feitas com os Legados Pios impostos á mesma Collegiada; e note-se que Sua Magestade conhecendo, que esses mesmos encargos se tornavam muito onerosos, attentas as actuaes circumstancias, disse na citada Carta Regia, que prestava o Seu Real assenso e approvação para serem reduzidos e commutados: finalmente o Cabido continúa no seu firme proposito de dar guisamentos para os legados, a que está obrigado, e a prestal-os por obsequio aos hospedes, e negal-os a quem lhos exigir; e por tanto se o Sr. Abbade se acha offendido nos seus direitos, demande-o, e um tribunal decidirá a questão. Pelo que respeita á insinuação de que, quando vou celebrar ao templo do Senhor da Cruz, me aproveito dos guisamentos, que a Confraria franqueia ao Clero, em abono da verdade dir-lhe-hei, que os guisamentos, de que me sirvo nas Missas, que digo nesse templo, são á minha custa, e não da confraria.

Por ultimo resta-me dizer-lhe, que sempre tive por timbre tratar a todos com affabilidade,

e delicadeza, e de todos tenho recebido provas inequivocas de benevolencia, e por certo não é a S. S.ª, que eu tomo por modelo de urbanidade, nem tão pouco lhe aceito as suas insinuações; e não queira obrigar-me a descer ao campo das recriminações, porque então terei de dizer verdades amargas, que lhe não hão de agradar.

Peço-lhe Sr. Redactor, a inserção destas linhas nas columnas do seu Jornal, pelo que lhe ficará muito obrigado o

De V. etc.

Barcellos 6 de Setembro de 1861

José Maria de Lemos e Vasconcellos.

NOTICIAS DIVERSAS.

SAHIDA. — Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Pedro 5.º e seu Augusto Irmão o Serenissimo Senhor Infante D. João deixaram a Cidade do Porto no dia 4 do corrente, partindo para a Capital a bordo do Vapor *Mindello* acompanhado da corveta *Bartholomeu Dias* e vapores *Lynce* e *Lusitania*.

CAZAMENTO. — Celebrou-se hoje na Igreja Matriz desta Villa o consorcio da ex.ª sr. D. Maria dos Prazeres de Magalhães Villas-boas Perfeito, com seu primo o ex.º sr. Antonio Vieira Tovar de Magalhães e Albuquerque; servindo de Procurador deste o pai da Noiva o ex.ª sr. José de Magalhães de Menezes Villas-boas de Barboza. Felicitamos os ex.ªs noivos, a quem dezejamos as fortunas, que tão ajustado enlace lhes promette.

INCENDIO. — No dia 27 do passado mez de Agosto houve na freguezia de Panque um incendio, que reduziu a cinzas dous engenhos collocados no rio Neiva: um d'elles era de serrar madeira, e outro do linho. Calcula-se o prejuizo a mais de 100\$000 réis.

CAMINHO DE FERRO. — O pessoal empregado na construcção do caminho de ferro da 2.ª divisão, nas obras d'arte e movimento de terra, na semana finda, até 31 de agosto, desde Coimbra ao Porto, foi de 8,090 operariós.

MERCÊ HONORIFICA. — Foi elevado á dignidade de gran-cruz da ordem militar de S. Bento d'Aviz, o visconde de Sarmento, marechal de campo, ajudante de campo de S. M. el-rei o sr. D. Fernando.

NOVO JORNAL. — Apareceu em Lisboa mais um jornal, que tem por titulo *A chronica dos theatros*. É dirigido pelo sr. Coelho, collaborador que foi da *Rev. de Setembro* e do *Parlamento*, e já conhecido por varias composições theatraes.

CASAMENTO DOS PADRES. — Do «Purgatorio». — A camara dos pares apoiou unanime a ideia de acabar com o celibato.

Desta questão, que tem alguma coisa de raridade, se occupam alguns jornaes.

Só a «Nação» vota, por em quanto, contra esta ideia.

ERUPÇÃO VOLCANICA. — Houve uma no mez de maio nas margens do mar Vermelho. O capitão Playfair descreve em uma nota que acaba de enviar de Aden a Inglaterra.

Na noite de 7 d'aquelle mez a povoação de Edd soffreu um tremor de terra, a que succederão numerosas sacudiduras verificadas em curtos intervallos por espaço de uma hora. Ao pôr do sol caiu á maneira de chuva, cinza branca, que pouco depois se tornou encarnada, chegando a ser tão espessa que escureceu a athmosphera, sendo preciso accender luzes. A escuridão era maior que a da noite. Isto durou até o dia 9, em que a athmosphera se aclarou completamente.

Conheceu-se aquella noite que do cume de uma montanha chamada Jebel Dublech, situada a um dia de distancia no interior do paiz se descobria uma columna de fogo e de espesso fumo, e ao mesmo tempo se ouvião rumores semelhantes a nutridas descargas d'artilheria. A montanha ficou inhabitavel, e como ninguem se atreveu a entrar por aquella parte, não se sabe que effeito produziu a erupção ao pé mesmo de Jebel Dublech.

Nunca havia occorrido successo igual naquelle paiz, por isso os habitantes estavam cheios de espanto. Edd é uma pequena aldeia situada nas costas da Aethiopia.

MACACOS NO PARLAMENTO. — O parlamento da Australia foi nos ultimos dias theatro de um grande escandalo por motivo de um dos deputados ter accusado o procurador geral de fazer gestos aos seus collegas. O snr. procurador geral respondeu, que se os fazia, era porque o merecia. Então o deputado Mac Lellan levantou-se e pediu ao governo, que nos orçamentos futuros se incluísse a quantia necessaria para comprar uma porção de macacos destinados a desempenhar as funções de procurador.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Participações telegraphicas.

Turim, 28 d'Agosto.

Diz a «Opione» que se julga que o general Della Rovere tomará a pasta da guerra e que o general Brignone o substituirá na Sicilia. Este general receiando uma invasão dos reaccionarios no territorio de Perugia, reforçou as forças da fronteira.

Vienna, 28.

Crê-se que a mensagem em resposta á do imperador encontrará uma grande opposição no Reichsrath.

Pariz 28.

O «Pays» nega que o governo francez tenha dado garantias aos representantes estrangeiros de que se ha de manter a occupação de Roma. A questão romana continua no mesmo estado.

Turin, 29.

Annunciam alguns periodicos que sahiram de Roma novas expedições, depois de um discurso pronunciado pelo rei Francisco II na villa Patrizi.

Chegou aqui Mr. Beneditti, embaixador francez

Londres, 29.

A agencia Renter publica as seguintes noticias de Nova York.

«Mr. Lincoln, n'uma proclamação declara só estados considerados em insurreição e considera como illegaes todas as relações commerciaes entre os Estados Unidos e os separatistas, accrescentando que todas as mercancias que procedem destas relações serão condemnaveis.

Turin, 29.

A esquadra ingleza sahiu do porto de Castellamare, e fez-se ao mar para continuar as suas evoluções.

Pariz, 30.

O tribunal occupou-se já do recurso de appellação do snr. Mirés. As accusações de roubo e subtracção de accões foram annulladas. Outras accusações foram confirmadas, em vista da frequencia com que se commettem estes delictos, o tribunal confirma a pena de cinco annos de prisão que se tinha imposto ao accusado em primeira instancia. O recurso do snr. Simeon foi rejeitado.

Os periodicos annunciam que a esquadra ingleza abandonou Napoles.

Marselha, 30.

O Diario de Constantinopla affirma que a Porta não está inquieta respeito á Servia.

Cadiz, 30.

O «Constitucional» de hoje diz que ha grandes probabilidades de que se encarregue o banqueiro Salamanca da construcção do caminho de ferro de Sanlucar de Barrameda a Jerez.

O «Commercio» annuncia que o municipio propõe-se contractar um emprestimo de 10 milhoes de reales.

Turin, 30.

Ricasoli redigiu uma importantissima circular, na qual faz um parallelo entre as revoluções italiana, hespanhola, ingleza e franceza.

ANNUNCIOS.

REMISSÃO DE FÓROS.

QUEM quizer remir os foros censos que se pagam á Casa da Silva, tanto das propriedades da Silva, como da Madureira, e Assento, pode dirigir-se á dita casa da Silva e nella tratar com o seu procurador Antonio José da Costa Ferreira. (166)

COLLEGIO DA ALEGRIA

PARA MENINOS DIRIGIDO POR P.º NEVES, PROFESSOR DE LATIM NO COLLEGIO DA GUIA.

As proporções e conveniencias da casa, a boa direcção, educação e bons professores nada deixarão a desejar. Quem quizer program-

JOSÉ ALVES DE SOUSA LIMA.

BARCELLOS, Rua Direita N.º 23.

Faz publico, que ultimamente recebeu do Porto um variado sortimento de — guardachuvas, ou chapéos de Sol, sendo de seda preta e de varias cores, e tambem de panninho, e os concerta e cobre.

Tem candieiros de todas as dimensões, proprios para a nova luz de gaz de diferentes tamanhos, para sala e loja por preços os mais commodos, os quaes são hoje muito usados na Inglaterra não só pela brilhantissima luz, como economia e limpeza; tambem vende candieiros de latão para azeite — lamparinas de diferentes formas — tinteiros de metal para mesa e bolso, e mais obras de metal e folha de Flandes.

Tambem vende o novo liquido de gaz para a luz, que não arde sem a torcida, e não offerece perigo.

Tem chapéos de varias côres, de panno com pello de nova moda á Portuense e Garibaldi. Tem mais um variado sortimento de jarras de porcellana douradas, de todos os tamanhos e outras mais ricas com flores dentro de rodomas, as quaes vende e aluga.

Tambem tem castiçoes de metal branco fino — serpentinas que parecem prata — castiçoes de casquinha — aparadeiras de vidro — e taboleiros de diferentes comprimentos, o que tudo vende e aluga por preços commodos.

Tem ferros de metal para engomar a vapor, e tambem dos antigos; e tem mais — caixas para rapé de todas as qualidades — escovas finas para fato, chapéos, cabeça, dentes e unhas, etc. — sabonetes — vidros com agua de colonia, macaçar, pomadas, e mais outros muitos objectos de quinquilherias — e lumes promptos de cera e de pão, que se accendem na propria caixa.

Tem lindos brincos para senhora de diferente gostos — luvas de pelica de todas as cores e muitos outros objectos, que tudo vende por preços rasoaveis. (165)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

SEGUNDA EDIÇÃO

CONTOS AO LUAR

POR

JULIO CEZAR MACHADO

EDITOR: — José Maria Corrêa Seabra

A rapida extracção que teve esta obra, e o acolhimento que encontrou no publico e em toda a imprensa do paiz, não restando, um mez depois de publicada, um unico exemplar á venda em Lisboa e nas provincias, levou o editor a fazer segunda edição, em tudo igual á primeira, e acompanhada tambem do retrato do auctor.

PREÇO 500 RÉIS

Acha-se á venda esta obra, em Lisboa na

mas dirija-se por carta ao Director do mesmo Collegio na rua da Alegria n.º 283 Porto.

CASA FELIZ PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

3.ª EXTRACÇÃO DO 3.º TRIMESTRE.

SORTE GRANDE

R\$ 10:000:000

CUNHA & RORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Tem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, rs. meios ditos, a 3400, rs. quartos, a 1700, rs. e cautelas de 500 rs. e 250, rs. cuja extracção terá logar no dia 5 de setembro.

Satisfazem todase quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe em vales do correio; e remetem aos seus freguezes as listas dos premios.

rua dos Calafates, 110, e nas livrarias do costume. — No Porto na livraria do sr. Pinto da Silva, rua do Almada, 134; em Lamego, na do sr. José Cardoso, rua de S. Francisco; em Coimbra, na do sr. José de Mesquita, rua das Covas; em Leiria, em casa do sr. José Pereira Curado; em Elvas, na do sr. Joaquim Antonio Lopes; e em todas as lojas de livros nas principaes terras do reino.

Nas localidades, porém, onde não haja correspondente, as pessoas que se quizerem prover da dita obra, deverão remetter adiantadamente por meio de vale do correio, ou por outra qualquer via, ao editor — J. M. Corrêa Seabra — Lisboa — a quantia de 500 réis, a fim de lhe ser o volume remittido franco de porte e bem acondicionado.

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Val longo e Sousa. Rua Direita n.º 28. —